

RedeUnaViva: Meditação Cristã 337 – paragem 10-233 – 28.02.2021

60.RedeUnaViva: Meditação Cristã 60 – paragem 124 – 08.11.2015

MATEUS 6:5-15; MARCOS 11:25-26; LUCAS 11: 1-4

SERMÃO DO MONTE

Bloco IV: Em Secreto

10 – Quanto à Oração, como Comunhão Secreta

Auto-indagação reflexiva:

1. Qual é a diferença entre a oração formal, a devocional e a contemplativa?
2. Como entender a oração (ensinada pelo) do Cristo?
3. O que é necessário para a oração ser efetiva?

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

4. Como usar a oração do Cristo na meditação?

Introdução: A oração como comunhão.

Prosseguindo no 4º bloco do SM, que traz a experiência singular com o secreto, aquilo que é próprio da especialíssima relação do filho com o Pai, do fiel com Deus ou da criatura com o Criador, exalta o Cristo a oração como linguagem única para o monólogo silencioso dessa comunhão. Ensina-nos sobre a oração, depois de ter explicitado a primeira expressão do amor, isto é, a caridade oculta, como preparação para a unificação. Termina este ensinamento, reforçando a necessidade da segunda expressão do amor, o perdão, também como condição para a eficácia da prece.

Neste particular, não continuará o Mestre a reformar os mandamentos. Não repetirá a locução elegante como introito para a reforma proposta: “Ouvistes que foi dito aos antigos... eu, porém, vos digo...”. Ao contrário, reitera a validade dos dois

mandamentos, de adorar a um só Deus e sem imagem ou representação, através da beleza peregrina contida no majestoso modelo do Pai Nosso.

Este não deverá ser tomado como a única prece capaz de estabelecer o canal sutil de comunicação com Deus, até para não recair naquilo que o Mestre condena, a repetição formal e morosa das rezas vazias. É um modelo magnífico para alçar o devoto aos céus da consciência, desde que atrelado ao coração.

Aponta o caminho para deixar a Terra e subir aos céus, se quisermos falar com Deus. O empenho dedicado e sincero conduz à entrega, que, aliada à fé, como recurso de convicção, produz a mudança de consciência na hora da oração. Dispensando a palavra, o sentimento e até o pensamento, vivenciamos a abertura e entrada na câmara secreta e mais íntima da alma – o reino de Deus.

É o que nos traz esta compilação de 11 versículos do capítulo 6 de Mateus, complementada por Lucas e Marcos.

O Sermão do Monte, apresentado em 20 princípios

A Abertura

1. As bem-aventuranças; **(I)**
2. Vós sois o sal da terra; vós sois a luz do mundo; **(I)**
3. A lei confirmada, mas completada. **(II)**
4. Quanto ao mandamento de não matar – sede benevolentes com o adversário; **(II - 6º mandamento)**
5. Quanto ao mandamento de não cometer o adultério – não cobiçais o afeto (bem) alheio; **(II - 7º e 10º mandamentos)**
6. Quanto ao juramento: seja vossa palavra, sim, sim; não, não; **(II - 3º e 9º mandamentos)**
7. Quanto a justiça: não resistais ao mal; **(III)**
8. Quanto ao mandamento de amar: amai os inimigos, sendo perfeitos como Deus; **(III)**
9. Quanto a esmolas: a doação secreta; **(IV)**
10. **Quanto à oração: a comunhão secreta; (IV)**
11. Quanto ao jejum: a privação secreta;
12. Quanto às riquezas: não ajunteis tesouros na Terra;
13. Quanto a precaução exagerada: ninguém deve servir a dois senhores;
14. Quanto ao julgamento leviano: com o juízo que julgais sereis julgados;
15. Quanto a oferenda: não atireis pérolas aos porcos;
16. Como o pedir na oração;
17. As duas portas: a estreita e a larga;
18. A má árvore dos falsos profetas;
19. Os dois tipos de fiéis: os falantes e os praticantes;

O Epílogo: sua autoridade.

60.1 Evangelho-parte 1: Jesus expõe a oração exterior. (Lc, Mt).

Lucas 11:1	
Lc 11:1. E aconteceu que estava (Jesus) orando em certo lugar e, quando acabou, um de seus discípulos disse-lhe: "Senhor, ensina-nos a orar como João ensinou a seus discípulos".	
Mateus 6:5-8	
Mt 6:5. Quando orardes, não sejais como os hipócritas , que gostam de orar de pé nas sinagogas e nas esquinas das praças, para serem vistos pelos homens; em verdade vos digo, já receberam sua recompensa .	
Mt 6:6. Tu , porém, quando orares , entra em teu quarto e, fechada a porta, ora a teu Pai que está no secreto; e teu Pai que vê no secreto te retribuirá (na luz plena).	
Mt 6:7. Quando orais, não useis de repetições inúteis como os gentios , pensam que pelas muitas palavras serão ouvidos.	
Mt 6:8. Não sejais como eles, porque vosso Pai sabe o que vos é necessário antes que lho peça.	

1. A lição da oração respondeu ao pedido dos discípulos, atentos ao mistério dos momentos de reclusão do Mestre.
2. Jesus mostrou o desnecessário em vista da prática comum, ali desvirtuada.

3. “Não importa o lugar, a posição ou o ritual, abundantes nos costumes vigentes”.
4. “Mas, sim, o secreto onde vosso Pai atende, que teu aposento fáculata e, mais ainda, o teu silêncio reverente.”

60.2 Evangelho-parte 2: Nosso Pai, teus Céus e Nome. (Lc, Mt).

Mateus 6:9-10	Lucas 11:2
Mt 6:9. Portanto, orai vós deste modo: "Nosso Pai, que estás nos céus; santificado seja teu Nome;	Lc 11:2. Ele lhes respondeu: quando orardes, dizei: Pai, santificado seja teu Nome; venha teu reino;
Mt 6:10. venha o teu reino; seja feita tua vontade, como no céu, assim na terra;	

3. “Eis o verbo reto da comunhão:”
4. “Pai Nosso, presente em todos os céus da consciência”.
5. “Seja o teu nome glorificado em qualquer invocação”.
6. “Desça teu Reino até onde conseguimos ascender”.
7. “Mas acima de tudo, prevaleça tua vontade, quer para as situações mundanas quer para as espirituais”.

60.3 Evangelho-parte 3: O pão, o perdão, a tentação e o mal. (Mt, Lc).

Mateus 6:11-13	Lucas 11:3
Mt 6:11. o pão nosso sobressubstancial dá-nos hoje;	Lc 11:3. o pão nosso sobressubstancial dá-nos diariamente;
Mt 6:12. e perdoa-nos nossas dívidas assim como nós já perdoamos aos nossos devedores;	
Mt 6:13. e não nos induzas em tentação, mas liberta-nos do mal"	

8. “Alimenta-nos neste dia, sobretudo com o pão do espírito”.
9. “E para nos habilitarmos a receber o teu perdão, já perdoamos todos os nossos devedores”;
10. “Por fim, que nos livremos, com tua ajuda, de todo mal,”
11. “prescindindo de passar pelos testes da tentação”.

60.4 Evangelho-parte 4: A condição do perdão para a efetividade da oração. (Mt, Mc).

Mateus 6:11-13	Marcos 11:25-26
Mt 6:14. Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará;	Mc 11:25. Quando estiverdes de pé, orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai-lha; para que também vosso Pai que está nos céus vos perdoe vossas ofensas.
Mt 6:15. Mas se não perdoardes aos homens as suas ofensas, tampouco vosso Pai celestial perdoará vossas ofensas.	Mc 11:26. Mas se não perdoardes, também vosso Pai que está nos céus não vos perdoará vossas ofensas.

12. Ao entregar o sublime modelo de prece, ainda asseverou:
13. “Para que a vossa palavra tenha o poder de elevá-los aos céus de Deus”,
14. “exercitai-vos através do amor diário cuja prova da sua prevalência situa-se na rápida dissolução do ressentimento em forma de perdão”.

Auto-indagação reflexiva:

1. Qual é a diferença entre a oração formal, a devocional e a contemplativa?

A oração formal obedece a certos ritos. De posição; no caso abordado, em pé. De lugar; nos templos religiosos ou locais públicos. De texto; pela repetição, como se a contagem crescente aumentasse o seu valor. São referências condicionadas por acordos tácitos ou ditados à comunidade por sua liderança. Seu apreço, vindo de fora, sustenta-se na aprovação dos pares ou superiores. Tal como no ensino da esmola, o Cristo mostra que o foco está dirigido para o entorno. Por isso, repete, sua recompensa, pública, já foi recebida. Enquanto, assim, o crente fecha a porta principal para a comunhão divina, proliferam-se os canais de vínculos sociais. E profanam, de novo, o sagrado que pede o segredo.

Contrapõe o Mestre, outro modo de orar. Começa pela preparação, comparando expedientes que, em tese, conduziram ao estado de oração, mas que, dominados pela formalidade, esvaziam-se seu poder. Explícita: “em vez de ir à sinagoga, se usada para fins sociais, escolha o reservado recinto do teu aposento. Para torná-lo mais privado, tranque-o, garantindo completo isolamento durante todo a tua introspecção. Adote postura cômoda que não produza sono ou excitação, e feche as janelas da percepção e os sentidos da mente. Aprofundando-te, encontrarás a câmara secreta da alma onde, no silêncio, habita o Pai”.

Essa preparação singela combate a oração formal e conduz à contemplativa. Ademais o Mestre oferece o clamor da devoção, regado de elementos do judaísmo, mostrando que viera assentar-se nesta tradição, visando que a Boa Nova coroasse o percurso luminar desse povo. Mas não se dispuseram a escutá-lo.

Distribui, com o primor do Pai Nosso, frases de sentido profundo e beleza ímpar capazes de, pelo vínculo devocional, colocar o fiel no contemplativo campo da unificação.

Enquanto a reza ritualizada, por reforçar o tratamento dual da relação com Deus, categoriza-se como arremedo de espiritualidade, a prece devocional convoca emoção e lógica para se integrarem num estado diferenciado de consciência. Já a oração contemplativa, cujo Pai Nosso é via de acesso, prima-se pelo silêncio de palavras e de pensamentos, antessala do reino de Deus.

2. Como entender a oração (ensinada pelo) do Cristo?

Carlos Pastorino, cuja tradução usamos, discrimina nesta oração cristã oito elementos, assim percorridos: uma invocação, três pedidos espirituais e quatro solicitações atinentes à condição horizontal do ser humano. Acrescenta ainda ser ela uma síntese magnífica das fórmulas empregadas nas preces judaicas.

Reservou o Mestre esse momento para reforçar, com acréscimos, os dois primeiros mandamentos: 1) “Adorar a um só Deus”; 2) “Adorar sem imagem ou representação”. Ensina que o Pai é único e que para adorá-lo, em oração, somente é preciso estar consigo, dispensando qualquer auxiliar externo, seja de imagem ou ritual.

- 1) Na oração dos rabinos, estão as frases: “Nosso Pai que estás nos céus, que teu nome seja louvado por todas as eternidades” e “Nosso Pai, que estás nos céus, fazei-nos misericórdia pelo amor de teu grande nome, que é invocado por nós”. São referências contidas na invocação do Cristo no seu primeiro pedido.

“Pai Nosso, que estás nos céus;” Contém expressão afetuosa que nos remete à filiação divina. Estabelece importante contato no início da oração. Chamá-lo de Pai é ter certeza de que, zeloso, escuta-nos, como um progenitor faz. Detém todos os poderes que nós, crianças espirituais, carecemos. É nosso Pai, em quem confiamos, e nós, seus filhos, cuidados com desvelo amoroso, seja nas horas de alegria ou dor. Buscamos-lo no Reino dos céus porque em todas essas paragens ele se encontra. Os céus são todos os estados de consciência superior que galgamos até se consumir a unificação total, no coração. Em todos os degraus da ascensão, sua mão nos alcança e atrai, a fim de que o último ato da jornada se consubstancie.

- 2) No Qaddich, oração diária dos judeus, encontra-se: “seja exaltado e santificado teu grande nome”.

“santificado seja teu Nome;” Se o nome é a expressão da essência, indiferente do escolhido, que seja pronunciado com a máxima fidalguia para que a intimidade sagrada fique garantida. Repassa o Cristo o terceiro mandamento, por indicar que qualquer pessoa ou agrupamento, em culto ou no cotidiano, ao falar o nome de Deus que não o faça em vão. Que haja respeito e dignificação. Ainda, atentados para a exortação de santificar seu Nome, façamos desse ato e momento os mais importantes da vida. Assim, tornando Deus presente na nossa consciência e existência, estaremos, por consequência, sendo Deus.

- 3) Tendo estabelecido o contato com a invocação, Pai Nosso; tendo o colocado nos céus da consciência; e tendo o reverenciado pela distinção do seu nome, chega o momento do pedido.

Nas frases fervorosas dos rabinos assim expressa-se o primeiro: “que o reino de Deus se manifeste ou apareça” (Targum, de Miquéias 4:8), ou “reina sobre nós tu só” (Chêmonê-esrê 11).

“venha o teu reino;” Comunica o desejo intenso de que o seu Reino se manifeste agora. E que o resultado profícuo dessa encontro se fertilize em bem-aventurança para toda a Terra, a começar do próximo, meus familiares e amigos. Que ao sair desta meditação, como operário do Reino, eu espalhe ao derredor suas benesses.

- 4) Isto é o que queremos, com todo ardor. Mas nos dispomos a acatar quaisquer oposições.

Rabbi Eliézer dizia: “fazei tua vontade no céu, no alto, e dá tranquila coragem aos que te temem na Terra, e fazem os teus olhos”.

“seja feita tua vontade, como no céu, assim na terra;” Conhecendo o melhor da vida – o Reino de Deus chegando em nós –, precisamos renovar, a cada dia, o pedido de que ele se realize, inclusive contando com a ajuda celeste. É imperioso pedir, porque alevantamos a condição de sintonia com a Fonte. Se o rádio receptor não estiver ligado, mesmo com as ondas da emissora atravessando o recinto, o aparelho continuará mudo. Entretanto, depois de pedir com todo ardor, é indicado aceitar o resultado. A jornada para a comunhão é rota acidentada e obscura. Não vislumbramos seus melhores contornos e vencimentos, dadas as limitações pessoais. Por isso, verbalizar que se faça a vontade do Pai, tanto nos círculos espirituais, que começamos a adentrar, como na Terra, onde problemas complexos reclamam soluções, é marca de amadurecimento.

- 5) Chamamos pelo Pai, exaltamos sua excelsa condição, clamamos pelo seu Reino de amor, porém, já prontificados a aceitar a prevalência da sua soberana vontade. Podemos, então, prosseguir o diálogo com o sublime, a partir do nosso enfoque e desejo.

Nos Provérbios 30:8, lemos, “não me dês pobreza nem riqueza: dá-me o pão necessário”. Que singeleza eloquente.

“o pão nosso sobressubstancial (de cada dia) dá-nos hoje;” As traduções mais comuns apontam para “o pão de cada dia, o da subsistência”. Pastorino, recorrendo aos comentadores antigos, sobressalta “o pão espiritual, e o denomina *sobressubstancial*”. Vem à memória o diálogo do Cristo com a samaritana, em que o Mestre, apesar da sede fisiológica, oferece-lhe a *água viva* (Jo 4:10 – MC-31). É uma *água transubstancial*. Vem também o manjar que seus discípulos desconheciam, forjado no fazer a vontade de Deus a fim de que sua obra fosse completada (Jo 4:32 – MC-32). Aos reclamos da sede e fome que este organismo acusa, não esqueçamos do pão do espírito, com que o Mestre se nutriu e exaltou, quando conviveu conosco. Clamemos, primeiramente, por esse.

- 6) Sobrevivência, sim, queremos, para dar conta de realizar a nossa jornada. Cuidados estritos, necessários, com o corpo, tenhamos. Mas além do corpo, cuidemos do nosso campo relacional, onde pecados são cometidos.

Se uma das bênçãos do Chêmonê-esrê aponta para a importância de pedir perdão – “Perdoa-nos, nosso Pai, porque pecamos contra ti” – assim como uma frase da Abina Malkênu – “nosso Pai, nosso Rei, perdoa e resgata todas as nossas faltas” – é no Eclesiástico, 28:2, que a aproximação com o ensino de Jesus é maior – “perdoa ao próximo sua injustiça e, então, se orares seus erros serão perdoados”.

“e perdoa-nos nossas dívidas assim como nós já perdoamos aos nossos devedores;” Nesta alocução reside sábio raciocínio psicológico. Refere-se não apenas ao diálogo com a figura amorosa do Pai externo, como *o outro*, mas também consigo, como *o próprio*. Quando alguém julga e condena enfaticamente o irmão, acirra em si instância julgadora severa que utilizará contra si com similar veemência, mesmo que as defesas psicológicas pareçam dizer o contrário. Do desconhecido inconsciente partirá condenação contumaz contra si. Ao contrário, para alcançar absolvição interna é preciso exercitar-se na indulgência com o outro. Começar a ver a ação desse com olhares mais generosos – aqueles que minimizam o malfeito por compreender a razão desditosa dos equívocos. Pela compaixão, tratamos melhor o outro e a nós. Treinando diariamente o perdão aos que nos

ofenderam, desenvolvemos os credenciais para solicitar o perdão a Deus para tantos erros que temos cometido, além de começar a nos perdoar.

7) Na oração da noite há: “não nos conduzas ao poder do erro, nem ao poder da tentação, nem ao poder da traição”.

“**e não nos induzas em tentação,**” É a frase da oração de mais difícil compreensão. Atendo-se à tradução corrente - “não nos deixes cair em tentação” - a solução fica fácil, já que a tentação vem de fora. Por consequência, a recomendação do Cristo fica bem encaixada. É coerente recorrer-se ao poder do Pai para não ser arrastado pela trevas. Entretanto, quem já entendeu a natureza do ego, e, portanto, ultrapassou este enfoque ingênuo, sabe que a tentação somente adquire força por ter seus correspondentes no mundo interno.

Tomando as outras duas traduções, “*não nos induzas/conduzas à tentação*” aparece um problema quando se atribui ao proponente um papel de agente passivo, como é o entendimento de Pastorino ao explicar o verbo *eisenégkêis, conduzir para dentro*, como *induzir*. *Conduzir* implica em a pessoa ser levada ao lugar de tentação, enquanto *induzir* indica que Deus produz no mundo interno da criatura pensamentos e emoções que sugerem escolhas equivocadas. Em ambas traduções, primeiramente o sujeito é passivo de Deus, e depois, torna-se ativo, para escolher.

Noutro entendimento plausível, diferencia-se *tentação*, como prova, de *pecado*, como ação desvirtuada. Para que essa ocorra terá que haver, em última instância, uma deliberação do ego. Daí, adentra-se numa complexa questão filosófica, que, simplificada, seria assim enunciada: todo afastamento de Deus assenta-se na afirmação da subjetividade e, ao contrário, para que ocorra o retorno é preciso abrir mão do majestoso e problemático eu. O dilema, manter-se com Deus ou dele se separar, se apresenta tanto na inserção do reino da dualidade como na sua saída, na nossa reinserção no reino de Deus. Se a lei divina, na consciência, aponta para as veredas de permanência nessa dimensão, no ego testado aparece a opção do desejo emocionalizado, própria da tentação. Seguindo-a, o ego, como senhor, inaugura o plano da dualidade, ou o reafirma.

Consoante a este entendimento, o Cristo parece indicar que não apenas somos instados a escolher entre o bem ou o mal, naquele limiar metafísico da queda. Mas que, antes, é-nos facultado escolher se queremos passar pela tentação de estar neste dilema - uma espécie de meta-dilema. Assim, a prova, como finalidade evolutiva, seria facultativa, pelo menos em algum tempo do percurso espiritual. Justapondo a hipótese à alegoria moisaica do paraíso perdido, essa escolha primordial seria antes da expulsão do Éden. Porém, apesar de anterior, reverberaria neste plano material, já que o Mestre está apontando a pertinência de pedirmos para não sermos induzidos ao mal aqui. Neste raciocínio, não apenas a materialização de Lúcifer, como o anjo decaído, esteve em consonância com a permissão de Deus, mas ser ou não ser testado nesta queda também estaria. Está Jesus dando-nos informação adicional sobre essa dinâmica transpessoal?

Na dimensão divina da criação, seria facultado pedir a Deus seguir pela trilha evolutiva em que ele não nos conduz à tentação. Seria um percurso inimaginável já que dele nada sabemos. Caso esse pedido não seja feito, a tentação viria. Se a resistimos, também permanecemos naquela dimensão. Ao contrário, afinado com o

entendimento de que somos Lúcifer, perdemos asas e luz, e aqui estamos. Precisamos fazer o percurso de retorno. Será mais fácil, se Deus não nos induzir de novo à tentação, e para isso o pedido anula a escolha diferente que fizemos antes da queda.

Outra derivação seria a de pensar na condição de o espírito como agente ativo da tentação, no campo da relação. Neste caso, é fácil compreender a valorização do pedido para que não sejamos produtores da tentação para aqueles com quem convivemos porque nesta situação nos tornamos o próprio mal em pessoa.

8) Após a invocação divina e o percurso pelos seis pedidos, chega o momento de finalizar a oração.

Afirma-se nos Berakkot: “seja feita a tua vontade, Senhor, nosso Deus e nosso Pai, salva-nos (...) do homem mau, do mau encontro, da força má, do mau companheiro, do mau vizinho, do adversário corruptor, do julgamento rigoroso, dos maus adversários no tribunal”.

“mas liberta-nos do mal.” Seguindo a indicação mais difícil da frase anterior, mesmo que não viéssemos a ser testados diretamente pelo mal, para que a evolução culmine na condição de pureza, carece que toda a semente do mal no espírito esteja definitivamente alijada. Isso, para que qualquer levante de conflito ou cisma esteja erradicado. Para que a insurgência de qualquer sombra de dualidade tenha sido extirpada, a integração total com sua contraparte boa – aquela que viemos a conhecer nestes planos, com a qual, na racionalidade imediata, buscamos nos identificar – haverá de ter sido consumada. Tendo assim superado a possibilidade do mal, o que há de prevalecer é a unidade que irradia luz e amor. Esta, a condição do espírito perfeito. Cristo condiciona esta liberdade ao pedido e auxílio do Pai.

3. O que é necessário para a oração ser efetiva?

Após nossos ouvidos terem escutado pela primeira vez, ali no monte, a cristalina prece entoada como melodia divina, recomendou-nos ainda Jesus: “exercita-te, através da relação interpessoal, ao perdão, não guardando mágoa nem qualquer desejo de vingança ou de desdita para aquele que te ofendeu, porque, assim, de coração puro, podes entrar na câmara oculta do teu aposento e, em ato contínuo, penetrar a intimidade do espírito para o encontro com Deus. Tens para esta hora um modelo preciso, com frases límpidas a fim de, mergulhando e atravessando o campo da oração devocional, prontificar-te para experimentar a consciência divina”.

É no labor de todo dia, através da prática do amor, que se prepara para esta introspecção silenciosa.

Ao recolher-me, na hora da meditação, afinando a sintonia com o Mestre:

4. Como usar a oração do Cristo na meditação?

Sei que tu és enquanto sei que não sou, a não ser contigo sendo.

Pois que tu és único, aquele que vivo é infinito e eterno. Aquele que na totalidade, absoluto é. E na unidade, o real, por excelência. Enquanto eu, na míngua, faço parte desta família de pluralidade e diversidade. Somos muitos enquanto irradiação de ti, mas que, por não ter de fato me separado da fonte que tu és, quero, agora, retornar.

Tu és Pai e eu, filho. Tu, Criador, e aqui, criatura. De tu emerjo e em ti repouso.

Estás em todos os recintos, máximos e mínimos da tua casa, mas, se reforço tua presença nas sagradas instâncias da consciência, é na certeza de que somente nestes céus a comunhão suprema é ensejada.

Santificado seja o teu nome para que em toda a palavra que o expresse aqui, sejas louvado e adorado, glorificado e amado.

Apesar de crente e solícito para que teu Reino agora me avassale, posto-me entregue, porque se parca é minha compreensão e extemporâneo meu desejo, que se faça a tua vontade, para as soluções da Terra como nas bem-aventuranças do céu.

Dá-nos a cada dia, de preferência, o pão espiritual ao pão da carne, como o que me sacia nesta prece.

Perdooo meus devedores e ofensores como condição indispensável para ser perdoado por tantas faltas e erros cometidos.

Fortaleça-me na recusa de me tornar agente da tentação e livra-me da experiência com o mal, dispensando-me das fileiras das suas seduções.

Versículo(s) para a meditação: Mateus 6:9.

3. Pai Nosso, que estás nos céus; santificado seja teu nome.

RedeUnaViva: Meditação Cristã 61 – paragem 131 – 15.11.15

MATEUS 6:16-18